

EDITORIAL

Prezados associados!

É com muita satisfação que escrevo este editorial do boletim Informa. Esta última edição simboliza o fim da gestão 2020-2022. Nestes três anos, de muito trabalho, a Diretoria Executiva e nosso Conselho Estadual sempre esteve focada em nossa missão de levar aos associados embasamento teórico e prático por meio de artigos, cursos, palestras, grupos de estudos e oficinas que pudessem nortear a prática profissional, tanto na avaliação como na intervenção, sempre com engajamento e comprometimento com a ética psicopedagógica.

Pensar e refletir sobre os efeitos da pandemia na aprendizagem tornou-se, neste último semestre, o nosso tema principal, que não por acaso, é o mote desta nova edição do nosso boletim informativo. Contamos com quatro artigos e um relato de experiência de autores que muito nos honraram por terem aceito nosso convite, são eles: Cláudia Tricate, psicóloga e psicopedagoga, diretora dos colégios Magno e do Mágico de Óz, trazendo um olhar mais objetivo sobre os efeitos da pandemia na aprendizagem dos alunos nas escolas; Dra. Adriana de Melo Ramos, doutora em Educação pela Unesp/Unicamp, nos atualiza sobre os consequências cognitivas e socioemocionais geradas pelo afastamento de crianças e adolescentes do convívio social e acadêmico; Elizabeth Polity, terapeuta familiar e psicopedagoga, apresenta as preocupações, reflexões e ações que foram adotadas durante a pandemia nas aulas on-line; as médicas pediatras Dras. Ana Paula Scoleze e Dra. Violeta Lescher Facciolla analisam o que o afastamento das atividades escolares e o consequente estresse vivenciado, principalmente por crianças pequenas, afetaram as funções executivas, fundamentais para o processo de aprendizagem e por fim, temos um relato de experiência escrito pelo Dr. Víctor Bariani, psiquiatra, que com muito bom humor, nos relata o que observa em seu cotidiano clínico e nos convida a refletir sobre boas práticas parentais.

Também fazem parte integrante desta edição a coluna sobre nosso Projeto Social trazendo atualizações. Outra sessão, que desde a última edição integra o nosso boletim, é reservada a Comissão de Ética do nosso Conselho Estadual, que traz o Capítulo III do Código de Ética do Psicopedagogo. E, como não poderia faltar a coluna Aconteceu, com nossas ações neste semestre e a Agenda Cultural para o próximo semestre.

Eu, em nome da diretoria executiva da gestão 2020-2022, agradeço a todos os associados pela confiança e pelo apoio que recebemos. Foram três anos de muitos desafios e também de muito aprendizado. Apesar dos percalços vivenciados na pandemia, conseguimos nos adaptar e realizar eventos culturais com temas diversificados, frutos das enquetes enviadas a nossos associados; um grande evento estadual em 2020; organizamos também o Encontro da Região Sudeste em 2021; ampliamos a rede de parceiros do projeto social, atingindo um maior número de atendimentos; estamos implementando um novo sistema envolvendo site novo e gestão financeira com o objetivo de dar maior autonomia para o associado e estamos com um número crescente de novos associados, que para nós nos dá o parâmetro que caminhamos na direção certa.

Também não poderíamos deixar de desejar ao novo Conselho Estadual eleito e a nova Diretora Presidente, Ruth Nassiff, gestão 2023-2025, os votos de uma gestão exitosa e que dê continuidade ao trabalho de fortalecer nossa atuação profissional e nossa seção. Neste sentido, não poderíamos de deixar de convidar, você associado, a participar conosco de nossas ações, como o Projeto Social (Seja um Voluntário!), comparecer em nossas reuniões de diretoria ou enviar sugestões e críticas e nos seguir em nossas mídias sociais (Instagram, Facebook e pelo grupo de WhatsApp).

Desejo boas festas, um próspero ano novo e merecidas férias!

Boa leitura!

Rebeca Lescher

Administradora provisória da ABPP SP (gestão 2020 - 2022)

COMISSÃO DE ÉTICA

A Comissão de Ética da ABPP - Seção São Paulo segue com seu trabalho cuidadoso de zelar e de convidar a pensar sobre a ética na prática psicopedagógica. Temos trabalhado bastante, procurando responder e orientar as demandas e/ou dúvidas que nos chegam, sempre tendo como referencial o *Código de Ética do Psicopedagogo* da ABPP (2019). Nesse Informa destacamos um de seus artigos, que consideramos de fundamental importância:

Capítulo III, Artigo 6o., parágrafo 1o. - "O psicopedagogo, ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, por meio de recursos físicos e/ou virtuais, deverá fazê-lo de acordo com as normas da ABPP e os princípios deste Código de Ética." (2019).

Ao fazer publicações em redes sociais você leva em consideração as orientações do *Código de Ética do Psicopedagogo*? Você considera que as publicações que você visita na área da psicopedagogia estão em consonância com o que pauta nosso código? Esse é um assunto que o/a inquieta?

Convidamos você, psicopedagogo, a refletir sobre esse tema e a unir esforços para nos ajudar a divulgar posturas éticas no fazer psicopedagógico.

Seguiremos conversando e pensando juntos.

Até breve!

Carla Labaki

Coordenadora da Comissão de Ética da Seção São Paulo

AGENDA CULTURAL

Janeiro – 1ª Reunião da Diretoria Executiva

Fevereiro – 1ª Reunião do Projeto Social ABPP SP

Março – 1ª Reunião do Conselho Estadual ABPP SP
Grupo de Estudos

Abril - Grupo de Estudos

Maio – Grupo de Estudos

Junho – Grupo de Estudos

Julho – 2ª Reunião do Projeto Social ABPP SP

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416-1030

Os efeitos da pandemia na aprendizagem no Brasil

Cláudia Tricate é psicóloga, pedagoga e palestrante. Mestre em Ciências da Saúde e é especialista em psicopedagogia, pós-graduada em Alfabetização e assessora pedagógica de escolas das redes pública e privada, em diversas cidades do país. É diretora pedagógica do Colégio Magno/Mágico de Oz, escola da Zona Sul de São Paulo, e apresentadora do "Vamos Conversar?!", programa semanal veiculado no Canal do Youtube do Colégio Magno/Mágico de Oz, que propõe um diálogo sobre temas como educação, infância, bem-estar e família.

A notícia caiu como uma venda em nossos olhos: uma espécie de breu absoluto e coletivo, quando os veículos de comunicação confirmaram a necessidade de uma quarentena imposta pela pandemia da covid-19. Naquele 21 de março de 2020, não importava se você tinha dinheiro, se tinha acesso à tecnologia, se tinha conhecimento... Todos contrariamos as leis da física e ocupamos um mesmo lugar no espaço, ao mesmo tempo.

A crise sanitária mundial pedia por união, por compartilhamento, por conscientização e por algo até então inimaginável: pedia que nossos alunos não fossem à escola. A partir daquele momento, novas rotinas precisaram ser estabelecidas. O ensino remoto transformou os lares em escolas inteiras, os pais em auxiliares de sala e trouxe para nós, educadores, um convite à reinvenção. Como um veredito, determinou que não havia outro caminho a não ser transformar o momento de incertezas em mais um momento educativo.

Barreiras para o processo de aprendizagem também foram evidenciadas pela falta de equipamentos adequados em casa, como computadores, celulares, acesso à internet, e confirmadas por um estudo publicado pelo IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, respaldando a tese de que a desigualdade no ensino brasileiro piorou após a pandemia, especialmente para quem estava em desvantagem socioeconômica antes da crise.

Professores renderam-se à tecnologia e se (re)descobriram aprendizes. Foi preciso (re)adequar, (re)manejar, (re)visitar uma prática milenar: dar aulas. Os docentes (re)encontraram talentos escondidos, capacidades foram renovadas. Nunca foi tão comprovada a "Teoria das Múltiplas Inteligências".

Muitos alunos se encontraram ao se esconderem por detrás das câmeras, assim como muitos, quase desapareceram. O conceito de metacognição, consciência e automonitoramento do ato de aprender deixou mais do que claro que aquilo que antes considerávamos como "fracasso escolar", na verdade, era um alerta. A aprendizagem de crianças e adolescentes deve ser pautada nela mesma. Aprendemos sempre com quem sabe mais e aprendemos mais quando refletimos sobre isso. Todos, educadores e educandos, passaram a buscar por soluções para aprender mais e melhor.

As questões emocionais foram outro pilar fortemente impactado, em especial, quando consideramos que as crianças e os adolescentes necessitam do convívio com seus pares para ampliar um repertório em permanente formação. Longe de rotinas até então estabelecidas ou que se desenhavam, crianças, adolescentes e jovens foram submetidos a longos *lockdowns*, privados do contato físico e de movimentos tão comuns à infância, ligados à formação pedagógica, à saúde mental e ao bem-estar.

Dados do Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância – UNICEF apontam que, pelo menos, 1,6 bilhão de crianças em todo o mundo sofreram alguma perda relacionada à educação, por conta da pandemia da covid-19. Número tão expressivo quanto o desafio que nos cabe e que nos indica ser urgente a adoção de medidas que minimizem os impactos evidenciados. É preciso reconhecer papéis e valores, compartilhando boas práticas, praticando a escuta, os gestos com propósito e que apontem para uma virada definitiva dos métodos de ensino e, principalmente, das relações sociais.

As escolas estão abertas, alicerçadas em conquistas coletivas e em experiências práticas de quem não se eximiu de ocupar um dos *fronts* da crise global. É delas – e de todos nós, sociedade brasileira – a missão de buscar soluções que reforcem métodos de ensino alternativos, que combinem as ações presenciais com os conteúdos abordados durante o período do ensino a distância, respeitando o fato de que nem todos os alunos acumularam a mesma evolução escolar.

Um novo tempo pede novas aprendizagens. E aprendemos a aprender! O que faremos com tantas lições pessoais e partilhadas ditará o ritmo dessa (re)construção, que é viva, distante de verdades absolutas e já em curso. Somente juntos, trocando o velho "novo normal" pelo "nosso – agora – normal" é que protegeremos, em gesto e razão, o que nos trouxe até aqui e que segue nos impulsionando: a educação.

BIBLIOGRAFIA:

- ❖ **Impactos da pandemia na educação.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/escoladegoverno/noticias/impactos-da-pandemia-na-educacao>. Acesso em setembro de 2022.
- ❖ **Impactos da pandemia na educação no Brasil.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em setembro de 2022.
- ❖ **"The State of the Worlds Children 2021. On My Mind: promoting, protecting and caring for childrens mental health.** (Situação Mundial da Infância 2021. Na minha mente: promovendo, protegendo e cuidando da saúde mental das crianças – disponível em inglês, tradução livre). Disponível em: https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021?utm_source=referral&utm_medium=media&utm_campaign=sowc-web. Acesso em setembro de 2022.

A pandemia e os efeitos socioemocionais nas crianças e jovens

Adriana de Melo Ramos – Tem estágio pós-doutoral na área de Formação de professores pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Doutora em Educação pela mesma Universidade. Pesquisadora e membro do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral - UNICAMP/UNESP) e coordenadora do NPEEI (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação e Infância - Instituto Vera Cruz/SP). É membro do GT Psicologia e Moralidade da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Atualmente coordena o curso de pós-graduação em "As relações interpessoais na escola: das competências socioemocionais à personalidade ética" pelo Instituto Vera Cruz, e é docente do curso de Pedagogia na mesma instituição.

A escola é por excelência, local de convivência, crianças e jovens, aprendem por meio de suas vivências, assim sendo, o período de isolamento social devido a pandemia (COVID-19), trouxe uma série de consequências para o que chamamos de desenvolvimento integral dos estudantes, uma vez que, eles foram afastados de forma abrupta desse ambiente.

Diversas pesquisas apontam dados importantes sobre os efeitos do isolamento social na vida e no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Um estudo realizado pelo Atlas das Juventudes com mais de 16000 respondentes no período de julho a agosto de 2022, demonstra que os jovens pós-período de afastamento da escola física, sentem, em sua maioria (55%), que ficaram para trás, em termos de aprendizagem, como consequência da pandemia; 52% sentem que desenvolveu ou intensificou a dificuldade de manter o foco; 43% indicam dificuldade de se organizar para os estudos, e 32% para falar em público, em função do período remoto. Esta pesquisa explicita forte impacto da pandemia do Coronavírus na saúde mental das juventudes, diante dessas preocupações, 6 a cada 10 jovens pesquisados passaram ou vem passando por ansiedade nos últimos 6 meses; mais de 5 a cada 10 relatam que a pandemia também intensificou o uso exagerado de redes sociais; 50% sentem

cansaço e exaustão frequentes como efeitos da pandemia; e 44% vivem a falta de motivação para as atividades cotidianas.

De acordo com resultados de uma pesquisa internacional com crianças e adultos em 21 países conduzida pelo UNICEF e o Gallup, apresentada neste relatório "Situação Mundial da Infância 2021", em média, um em cada cinco adolescentes e jovens de 15 a 24 anos entrevistados (19%) disse que, muitas vezes, se sente deprimido ou tem pouco interesse em fazer coisas. O impacto sobre a saúde mental e o bem-estar de crianças continua pesando muito. Segundo os últimos dados disponíveis do UNICEF, globalmente, pelo menos uma em cada sete crianças foi diretamente afetada por lockdowns, enquanto mais de 1,6 bilhão de crianças sofreram alguma perda relacionada à educação. A ruptura com as rotinas, a educação, a recreação e a preocupação com a renda familiar e com a saúde estão deixando muitos jovens com medo, irritados e preocupados com seu futuro. Por exemplo, uma pesquisa on-line na China no início de 2020, citada no relatório Situação Mundial da Infância 2021, indicou que cerca de um terço dos entrevistados relatou sentir medo ou ansiedade. Segundo o relatório do UNICEF e Gallup, mais de um em cada sete crianças e jovens com idade de 10 a 19 anos, vive com algum transtorno mental diagnosticado. Quase 46 mil adolescentes morrem por suicídio a cada ano, uma das cinco principais causas de morte nessa faixa etária. O cenário já era preocupante antes da pandemia.

Todavia, os esforços das escolas, redes e muitas vezes dos familiares, tentando compensar as perdas acadêmicas e socioemocionais, no desenvolvimento de suas alunas e alunos, não são suficientes, principalmente, quando pensamos nos aspectos ligados ao desenvolvimento da personalidade ética. Aprender a resolver conflitos de forma assertiva, ter empatia, se indignar com situações de bullying... só se aprende nas experiências das relações, efetivamente, vividas. As escolas podem oferecer reforços para combater os déficits com Alfabetização, Linguagens, Ciências, Matemática etc, mas para atingir níveis de autonomia na tomada de decisões, no processo de autorregulação dos afetos, são as relações entre pares que contam, como não podemos voltar ao tempo em que as crianças e os jovens ficaram isolados, não é possível recuperar esse período.

Neste sentido, a grande aprendizagem desse momento é a conscientização dos educadores, de que não podemos desconsiderar, que sujeitos que ficaram afastados do convívio escolar por tanto tempo, possam apresentar o mesmo desenvolvimento, antes esperado. A partir dessa constatação o ambiente escolar e familiar, deve promover espaços dialógicos, em um ambiente pautado na cooperação, com relações fundadas no respeito mútuo, na promoção de valores éticos, como a justiça e a generosidade, e nas interações com figuras de autoridade necessárias, que possam refletir com as crianças e jovens, ajudando-os a desenvolver empatia, respeito e dignidade.

É urgente tomarmos consciência das consequências desse período na saúde mental de nossos estudantes e, inserirmos nos conteúdos escolares, espaços como Rodas de Conversas; um olhar sensível de todos os adultos aos sinais de depressão, crise de ansiedade, dificuldade nas relações, nas estratégias para resolução de conflitos; abertura para a parceria família-escola.

O pós-isolamento social pode ressignificar a escola, como um espaço legítimo para a convivência ética! Não é possível voltar para a escola que tínhamos antes, mas é possível recomeçar uma nova história!

Referência bibliográfica:

- ❖ United Nations Children's Fund, The State of the World's Children 2021: On My Mind – Promoting, protecting and caring for children's mental health, UNICEF, New York, October 2021.

Família e Escola nas Tramas da Educação: enfrentando desafios

Elizabeth Polity - Terapeuta familiar; Psicopedagoga; especialista em TCC; mestre em Educação e doutora em Psicologia. Autora de livros e trabalhos científicos; Diretora do Colégio Winnicott.

Já se tornou lugar comum afirmar que vivemos um momento sem precedentes que nos convida a buscar soluções inovadoras que se mostrem funcionais a demandas tão diversas. Novos e instigantes problemas foram colocados para a Família e para a Escola, no âmbito educacional.

Há alguns anos Freud já nos alertava que, educar (junto com governar e psicanalisar) se apresenta como uma das três tarefas impossíveis. Enquanto impossível, a arte de educar se inscreve constantemente nos movimentos que a cultura exige para que cada um possa construir verdades que comportem visões diferentes acerca de sua existência.

A educação assume cada vez mais uma perspectiva global, onde o que se busca é o desenvolvimento socioemocional em paralelo ao crescimento acadêmico.

Situações novas e inesperadas – como a pandemia - demandam flexibilidade e criatividade. As aulas já não podem seguir o modelo tradicional e as dificuldades no aprender exigem outras abordagens. Nessa perspectiva, a parceria entre a Família e os profissionais da Educação – professores, psicopedagogos, psicólogos, torna-se peça chave para o êxito do processo.

O aparecimento de um inimigo invisível nos colocou no isolamento obrigatório e nos obrigou a pensar em diferentes maneiras de continuarmos o trabalho educacional, desafiando-nos a torná-lo "possível".

Como diretora de Escola e terapeuta familiar fui, juntamente com minha equipe, instigada a buscar soluções rápidas e que se mostrassem eficientes.

Neste cenário, o Ensino a Distância se apresentou como primeira alternativa, uma vez que permitiu adequação de espaço e tempo em conformidade com a proposta de dar continuidade ao ano letivo.

Mas como em toda mudança, isso exigiu que fizéssemos uma reflexão bastante minuciosa, para que pudéssemos oferecer o que havia de melhor aos nossos estudantes. No nosso entender, precisávamos elaborar programas de estudo aliados a uma metodologia que amenizasse, em parte, o impedimento da presença física do professor, que como sabemos, é tão importante na relação ensino-aprendizagem. Desta forma, estávamos "longe dos olhos, mas precisávamos encontrar uma maneira de nos manter perto do coração".

Aulas dinâmicas, participativas, recursos audiovisuais atrativos e bem elaborados foram alguns dos pré-requisitos para uma aula a distância bem sucedida.

Optamos por criar momentos em grupo, onde a troca e o trabalho em rede se fizessem presentes. Pontualidade, compromisso, respeito e responsabilidade, foram competências exigidas de todas as partes para que obtivéssemos sucesso na proposta.

Alguns desafios se impuseram: a distração foi um deles. É mais fácil perder o foco nessa modalidade onde são muitos os estímulos e nem todos controláveis pelo professor. Dessa forma, o aluno muitas vezes precisou do auxílio da família. O EAD exigiu mais organização e planejamento de todos os envolvidos.

O sucesso no aprendizado dependia do aluno (por vezes junto com a família) em definir e cumprir os horários e uma rotina de estudo bem elaborada.

E por fim, mas não menos importante, foi a questão da autonomia, com a qual tivemos que lidar para ajudar alguns alunos. Apesar de ser um ganho para a vida estudantil, a autonomia pode ser um desafio para muitos estudantes que precisam buscar outras fontes de conhecimento para além do professor em sala de aula. Precisam aprender a se organizar com mais independência e criatividade, pois são levados a se apropriar do seu papel ativo e participativo no

processo de aprendizado. E aqui a coparticipação dos pais foi fundamental, permitindo e incentivando esse processo.

Por fim, essa proposta foi auxiliada pelo uso da tecnologia, que como se sabe, abre grandes portas para o mundo do conhecimento. Desta forma, podemos perceber que os desafios, apesar das dificuldades inerentes, nos tiraram da zona de conforto e permitiram novas e profícuas experiências.

Referências Bibliográficas:

- ❖ Conversação, Linguagem e Possibilidades. Anderson, A. Roca. 2010
- ❖ FREUD S. (1929) *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Imagino Editora. Rio de Janeiro. vol. XXI. 1996.
- ❖ *Me aprende?* Cruz H. M. (org) Roca, 2012

ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os eventos promovidos pela ABPP Seção São Paulo, durante o 2º semestre de 2022. A maioria dos eventos realizados pela ABPP SP foram realizados pela Plataforma Zoom.

EVENTOS REALIZADOS NO 2º SEMESTRE DE 2022

- ✓ 12/08 (6ª feira) - Reunião do Conselho Estadual.
- ✓ 30/08 (3ª feira), 27/09 (3ª feira), 19/11 (3ª feira) e 13/12 (3ª feira) - Encontros Equipe Técnica SAICA Edith Stein e Colaboradores Voluntários Projeto Social.
- ✓ 12/09 (2ª feira) - Reunião Elaboração Documento Projeto Social – com Supervisores e Coordenadores Voluntários.
- ✓ 19/09 (2ª feira), 17/10 (2ª feira), 31/10 (2ª feira) Curso com a Profª. Dra. Leda Barone - para associados e não associados – plataforma Zoom.
- Tema: Adolescência e Literatura: desafios e potencialidades.
- ✓ 07/11 (2ª feira) - Reunião Geral do Projeto Social - com Supervisores e Colaboradores Voluntários.
- ✓ 08/11 (3ª feira) – Dia do Psicopedagogo
Live pelo YouTube: “O caminho pela psicopedagogia” com as Conselheiras Vitalícias: Maria Cristina Natel, Mônica H. Mendes, Sandra Lia N. Santilli e Sônia Colli. Mediação: Rebeca Lescher.
- ❖ 19/11 (sábado) - 1ª Jornada da Pós de Psicopedagogia do Mackenzie.
- ❖ 30/11 (4ª feira)
Assembleia Geral Extraordinária para ratificação de todas as nossas atas, gestão 2020-2022, para aprovação no cartório.
Assembleia Geral Ordinária para eleição do Conselho Estadual, triênio 2023-2025.
- ✓ 12/12 (2ª feira) - Reunião do Conselho Estadual e Posse da nova Diretoria Executiva (gestão 2023-2025).

O Impacto da Pandemia no Desenvolvimento das Funções Executivas na Primeira Infância e Possíveis Efeitos na Aprendizagem

A Dra. Violeta Lescher Facciolla - Médica formada pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. (FCMSCSP). Residência em Pediatria no Instituto da Criança e do Adolescente do HCFMUSP. Título de especialista em pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Complementação Especializada em Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento no ICr-HCFMUSP. Preceptora da especialização em Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento do ICr-HCFMUSP.

Dra. Ana Paula Scoleze Ferrer Barreto - Médica formada pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). Especialização em Pediatria no Instituto da Criança e do Adolescente do HCFMUSP. Título de especialista em pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Mestrado e doutorado pela FMUSP. Coordenadora do Curso de especialização em Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento do ICr-HCFMUSP. Chefe do Ambulatório de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e do Ambulatório Geral de Crianças com Condições Crônicas e Necessidades Especiais do ICr- HCFMUSP.

Durante a primeira infância, período do nascimento até os seis anos, o indivíduo está em pleno desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, motoras, socioemocionais e de linguagem. Nesse período, a plasticidade cerebral é grande, o que significa uma maior capacidade de transformação do cérebro, resultante dos estímulos e experiências vivenciados. A pandemia do COVID 19, portanto, afetou o desenvolvimento infantil sob diversos aspectos.

Um grande questionamento está relacionado aos efeitos que o afastamento das atividades escolares teve sobre o aprendizado das crianças. Essa preocupação deve extrapolar as alterações no currículo, nas estratégias pedagógicas e na perda de conteúdo, devendo incluir os possíveis prejuízos para o desenvolvimento das funções executivas.

As funções executivas são um conjunto de habilidades que possibilitam lembrar e associar diferentes informações, rever a forma de pensar, planejar e filtrar distrações. São componentes das funções executivas: **memória de trabalho** (capacidade de armazenar e relacionar as informações de curto prazo, fundamentais para o pensamento), **controle inibitório** (habilidade de controlar as reações, manter o foco, a atenção e “selecionar” os pensamentos) e **flexibilidade cognitiva** (capacidade de mudar o ponto de vista, importante para o processo de pensar – tomar decisão - agir). Dessa forma, as funções executivas envolvem a capacidade de raciocínio, solução de problemas e planejamento e, portanto, são fundamentais para a aprendizagem.

Diversos autores têm proposto que as habilidades relacionadas às funções executivas são as mais importantes para a performance acadêmica das crianças e adolescentes e, futuramente para o sucesso profissional, uma vez que estudos mostraram relação com maior capacidade de compreensão, melhor vocabulário e raciocínio matemático, sendo que as funções executivas demonstraram maior associação com o bom desempenho do que o quociente de inteligência (QI).

O desenvolvimento das funções executivas ocorre durante todo o período da vida da criança, porém com maior intensidade entre os três e cinco anos de idade e depois na adolescência até o início da vida adulta. Para um bom desenvolvimento dessas funções, que está associado à maturação do córtex pré-frontal, é necessário que a criança tenha interações sociais saudáveis e adequadas, além de saúde física. As situações experienciadas pelas crianças podem afetar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento das funções executivas, e situações de estresse podem afetar esse processo.

Um ambiente propício ao desenvolvimento dessas habilidades é a escola, em que as crianças vivenciam diversas situações individuais e coletivas que as desafiam. Por exemplo, em uma roda de contação de histórias, as crianças exercitam a capacidade de prestar atenção, armazenar informações, associá-las e ainda desenvolvem a criatividade para imaginar os acontecimentos descritos. Do mesmo modo, algumas brincadeiras, como “seu mestre mandou” e “estátua”, possibilitam o desenvolvimento do controle inibitório, assim como quando elas têm de esperar sua vez de falar em uma roda de conversa. Jogos com regras e brincadeiras de faz-de-conta também são ótimos para trabalhar a flexibilidade cognitiva.

No Brasil, em 2020, devido à pandemia do coronavírus, as escolas permaneceram fechadas por 178 dias letivos, fazendo com que crianças e adolescentes deixassem de conviver diariamente com os seus pares e experimentassem o que foi citado acima. Além disso, a situação de calamidade pública, mortes, desemprego, isolamento social e aumento da prevalência de transtornos mentais, gerou estresse tóxico, com aumento de desigualdades sociais. Dessa forma, a pandemia foi uma experiência com potencial prejuízo ao desenvolvimento dessas funções, de um lado os efeitos diretos e indiretos da situação de estresse a que as crianças foram expostas e, de outro, o afastamento da escola, o ambiente promotor dessas capacidades.

Sabemos do impacto da pandemia em termos de mortes, desigualdade social, saúde mental, mas será que estamos olhando para o impacto da pandemia e principalmente, do período de isolamento social e fechamento das escolas para as crianças e para o desenvolvimento das funções executivas? O que devemos esperar a partir de agora e como podemos atuar?

Possivelmente os efeitos indesejáveis da pandemia ainda serão observados a médio e a longo prazo. Há de se considerar que as crianças, particularmente aquelas em idade pré-escolar, podem apresentar dificuldades decorrentes do desenvolvimento inadequado das funções executivas. Essas crianças poderão ser interpretadas erroneamente como portadoras de patologias, como o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, mas, na realidade serão reflexos da experiência pandêmica. A reorganização dos currículos, além da reposição dos conteúdos pedagógicos e acadêmicos, deve associar estratégias de estímulo à formação dos circuitos neurais relacionados às funções executivas, como o envolvimento em jogos, brincadeiras, esporte, música e leitura, no sentido de mitigar os impactos da situação que vivenciamos.

Referências bibliográficas:

- ❖ Blair C, Razza RP. Relating effortful control, executive function, and false belief understanding to emerging math and literacy ability in kindergarten. *Child Dev.* 2007 Mar-Apr;78(2):647-63
- ❖ Center on the Developing Child at Harvard University (2011). *Building the Brain's "Air Traffic Control" System: How Early Experiences Shape the Development of Executive Function: Working Paper No. 11. 2011*
- ❖ Comitê Científico do Núcleo pela Infância. Funções executivas e desenvolvimento infantil: habilidades necessárias para a autonomia: estudo III. Série Estudos do Comitê Científico – NCPI. 1ª ed. São Paulo. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2016
- ❖ Nayfeld et al. Executive functions in early learning: extending the relationship between executive functions and school readiness to science. *Learning and Individual Differences* 26(2013) 81-88

PROJETO SOCIAL

**Projeto Social da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo
ABPp SP - vai à Comunidade**

Ser voluntária de um projeto social, por quê?

A vontade de ajudar o outro, bem como aprimorar a prática psicopedagógica estão entre os motivos citados pelo psicopedagogo, associado da **ABPp Seção São Paulo**, ao aderir o projeto social.

Tal motivação confirma o propósito do Projeto Social ABPp Seção São Paulo, que é o de estimular o associado para o aperfeiçoamento da atividade psicopedagógica por meio da prática supervisionada.

Batizado de **ABPp SP vai a Comunidade**, este projeto conta com a adesão do psicopedagogo, associado da Seção São Paulo que, estando em dia com a anuidade, dele participa voluntariamente.

Desde sua criação, na gestão 2011-2013 vem ampliando as possibilidades de atuação e de inserção na comunidade sendo o planejamento das ações em dois formatos, a saber:

- **intervenção psicopedagógica no âmbito clínico** - o atendimento individual de crianças e adolescentes encaminhados com a queixa de dificuldades de aprendizagem.
- **intervenção psicopedagógica no âmbito institucional** - em organizações não governamentais, as escolas públicas e serviços de atendimento à criança e ao adolescente.

A intervenção seja no âmbito clínico, seja no âmbito institucional é supervisionada pelo associado titular e compartilhada nas reuniões quadrimestrais entre supervisores e supervisionados cadastrados no projeto.

Nesta gestão 2020-2022 estabelecemos uma parceria com o Ambulatório de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, do Instituto da Criança e do Adolescente do Hospital das Clínicas – FMUSP, e elaboramos um documento intitulado de Orientação para supervisão do projeto social da ABPp Seção São Paulo.

Encerramos a gestão de trabalho (2020 – 2022) com o provérbio etíope “um bote não vai para frente se cada um rema à sua própria maneira”, com a certeza de que seguimos, dada a sinergia dos associados, comprometidos com a causa deste projeto.

Maria Cristina Natel e Sandra Lia N. Santilli
Coordenadoras do Projeto Social (gestão 2020/2022)

Associe-se à ABPp SP e faça parte deste projeto!

Inscriva-se: <https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sete passos para que seu filho se torne um adolescente problemático

Dr. Victor Bariani é médico, especialista em Psiquiatria Geral pela Santa Casa de São Paulo (ISCMSP), coordenador do Ambulatório Longitudinal de Ensino em Psiquiatria da mesma instituição, Psiquiatra voluntário do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da ISCMSP e atende em consultório particular no bairro de Higienópolis em São Paulo, SP.

A prática do atendimento em consultório levou-me à elaboração desse guia, que cumpre de maneira didática e ilustrativa a função de facilitar o desenvolvimento de um adolescente com problemas mentais, nesse mundo pós-pandêmico.

Fazendo uma espécie de “advogado do diabo”, busquei aqui um compilado das “melhores práticas” parentais, ou seja, aquelas que irão propiciar de maneira mais eficaz a criação de um filho adolescente com graves problemas comportamentais, psíquicos e existenciais.

Desenhando o problema: refiro-me aqui a “adolescente problemático” àquele jovem que preenche critérios como vivência vazia de sentido, incapacidade de lidar com responsabilidades básicas (tirar boas notas, respeitar horários, cuidar dos irmãos mais novos, ajudar nas tarefas domésticas etc.), baixa tolerância a frustração, consumo de álcool e drogas, automutilação, prática sexual irresponsável e, resumindo, uma vida orientada no sentido exclusivo de buscar prazer e esquivar-se da dor.

Certamente não é o desejo de nenhum pai que seu filho acabe se tornando um desses adolescentes. Não obstante, ousa dizer que todo profissional de saúde mental, possui uma boa amostra desse tipo de jovem em seu consultório, na atualidade. O que deu errado? Onde foi que todos nós erramos? Tais perguntas são muito vagas e levam a respostas também das mais vagas possíveis. Assim, uma vez introduzido o assunto, pretendo usar uma espécie de lógica reversa e orientar as melhores (ou piores) condutas por parte dos pais para que seus filhos se tornem adolescentes problemáticos.

Vamos lá à lista de tarefas a serem realizadas:

1. Deixe que seu filho seja sedentário.

A lista de benefícios que a atividade esportiva pode trazer é grande e tenho certeza de que você já sabe disso. Vai desde o desenvolvimento do corpo até o aprendizado da disciplina, das regras e o convívio com pessoas diferentes.

Noto que muitos pais dizem coisas do tipo: “Ah, mas ele toda hora quer fazer um esporte diferente, nunca foca num só”. Que bom! Quem precisa focar num só é você, que (espera-se), já tenha um desenvolvimento neuromuscular completo. Mudar o estímulo físico é uma coisa boa. Não espere que seu filho seja um Roger Federer, muito provavelmente não o será.

Noto que a maioria dos meus pacientes não quer envolver-se em competições, mas simplesmente gozar do prazer da prática do esporte e isso já é algo sensacional! Já muitos pais fazem pressão demais para que o filho seja excepcional nesse ou naquele esporte. Muitas vezes, isso não dá muito certo.

É preciso conhecer o filho que se tem. Se a competitividade for algo bem-vindo naquele momento da vida do jovem então pode-se tentar essa via, mas sempre observando de perto.

O extremo oposto são aqueles pais (provavelmente também sedentários) que nem lembram seus filhos dos diversos benefícios que o esporte pode trazer para eles e, assim, acabam desestimulando a moçada a praticar alguma atividade física.

2. Deixe claro que ele é um problema.

Esse é um clássico. Via de regra ocorre o seguinte: a família é bastante disfuncional, ninguém sabe lidar direito com as próprias questões e vivem buscando encontrar um culpado para tudo, em vez de assumirem as próprias responsabilidades e colocarem os pingos nos "is".

Nesse contexto, muitas vezes o jovem que está lá indo mal na escola, cortando-se com a tesoura e assistindo ao "influencer" no "Tik Tok" que acabou de tentar suicídio tomando três comprimidos de Resfenol, é o ÚNICO da família que é designado a procurar tratamento com psicólogo ou psiquiatra, como se o problemático ali fosse somente ele.

Gosto de analisar o pai dessas famílias. Via de regra é um cara "durão", que acha que depressão é frescura ou falta de emprego e que o negócio é colocar a ROTA na rua.

Meus caros colegas de luta na saúde mental, aqui é preciso ter muita paciência e saber conversar individualmente com cada membro dessa família e apontar de maneira moderada e assertiva a necessidade de todos buscarem uma bela terapia.

3. Que sua boca diga algo e suas atitudes o contrário!

Não raro, ouço a seguinte queixa por parte dos pais: "meu filho não sai da tela do celular". Dai gosto de perguntar como é a dinâmica social da família. Muitas vezes, todos ali ficam o tempo todo no celular, possuem acesso ilimitado a redes sociais e nem o momento das refeições (em casa ou em restaurantes) é poupado da presença desses benditos dispositivos eletrônicos.

Tendo a crer que os adolescentes aprendem mais com exemplo do que com palavras. O mesmo vale para hábitos como leitura, horário de dormir e qualidade da alimentação. Seja coerente com o que você ensina ao seu filho.

4. Não o deixe errar! Antecipe qualquer possibilidade de erro que ele possa cometer para que ele não se frustrate.

Afinal, a angústia hoje em dia virou um mal que deve ser evitado a todo custo. Imagina que absurdo ver que um filho está angustiado com algo. Meus caros, a angústia, muitas vezes, é uma tarefa existencial pela qual todos nós devemos em algum momento passar. Não queira poupar seu filho disso. Ajude-o, acolha-o, ofereça um porto seguro, mas não tire dele o protagonismo na resolução dos erros e questões subjetivas da própria vida.

5. Quando ele completar 18 anos, dê a ele uma BMW.

Nada contra a famosa marca de automóveis da Baviera. Pelo contrário, sou um grande fã. No entanto, vai ser mais legal seu filho comprar um carro desses pelos próprios méritos quando ele tiver condições próprias e se tal aquisição for apropriada, de acordo com suas possibilidades.

Caso ele já tenha logo de cara um carrão desses, qual estímulo ele terá para alcançar uma conquista dessas pelas próprias pernas?

6. Trate-o como hóspede em sua casa.

Um hóspede não arruma a própria cama, não cozinha, não lava a louça, não abastece o carro, não sabe dos gastos da casa, não faz compras para deixar a geladeira cheia, não leva a roupa suja para a área de serviço, não dá comida para o gato, não o leva ao veterinário etc.

7. Puna-o de maneira bastante severa e autoritária caso ele erre feio.

A maioria dos itens até aqui ilustrou uma situação na qual o jovem é excessivamente mimado (o que é fiel ao que vejo na minha prática clínica). No entanto, não podemos nos esquecer dos lares onde o adolescente é frequentemente punido por estar errado. Observo nesses casos que o sentido do certo e do errado perde-se em detrimento a um medo da punição. Muitas vezes, essa lógica é introjetada e o próprio paciente passa a punir-se de maneira desmedida, mesmo que os pais deixem de fazê-lo. Errar na vida não é uma questão de "se", mas de "quando".

Por fim, resolvo colocar a questão da culpa dos pais não como um item, mas como uma conclusão dessa reflexão. Ver um filho nessa condição "problemática" pode levar muitos pais a acharem que a culpa daquilo foi deles. Isso é complexo e aqui corro o risco de ser bastante injusto caso eu faça qualquer generalização em torno desse tema. Entretanto, observo que esses pais culpados acabam caindo muitas vezes, no problema abordado no item quatro, no intuito de poupar o filho de mais sofrimento, já que "a culpa disso tudo não foi dele".

Não acredito que exista algum tipo de manual prático que ensine como criar os filhos. Caso existisse, não teríamos por aí tantos adolescentes problemáticos. No entanto, talvez existam "regras claras" sobre como criá-los mal e busquei aqui encontrar algumas delas. Espero ter ajudado.

BIBLIOGRAFIA:

Nardi, Antonio Egídio; Silva, Antônio Geraldo da; Quevedo, João - Tratado de Psiquiatria da Associação Brasileira de Psiquiatria - Editora Artmed - 2022.

EXPEDIENTE – DIRETORIA EXECUTIVA 2020 / 2022

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETORA PRESIDENTE: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

DIRETORA VICE-PRESIDENTE: Andréa de Castro Jorge Racy

DIRETORA SECRETÁRIA: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA: Paula Roberta M. Fernandes de Castro Santos

DIRETORA FINANCEIRA: Helena Maria Barbosa da Silva

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA: Márcia Alves Verri

DIRETORA CULTURAL: Cecília Gereto de Mello Faro

DIRETORA CULTURAL ADJUNTA: Ruth Nassiff

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Maria Lúcia Moura Caruso

DIRETORA ADJUNTA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Daniella de Moura Pereira Robbi

PROJETO SOCIAL

COORDENADORA DO PROJETO SOCIAL:

Maria Cristina Natel

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Eliana Santos Moura

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Márcia Maria Machado Monteiro

Ymei Uvo de Sá Trench

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPP SEÇÃO SÃO PAULO**

EDITORIA DE REDAÇÃO: Andréa de Castro Jorge Racy

CONSELHO EDITORIAL: Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro e Daniella de Moura Pereira Robbi

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF